

jüdischer Emigranten. Vor Kriegsende sahen sie, wie Zweig, den Zusammenbruch einer 'Welt von Gestern', in der sie, trotz allen Schwierigkeiten, ihren Platz und ihr berechtigtes Dasein gefunden hatten, und das Aufstehen einer 'Welt von Heute', in der sie nicht weiterleben konnten und wollten. Nach Kriegsende sahen sie ihr eigenes Überteben, nach dem gewaltsamen Tod von Millionen ihrer Glaubensgenossen, als Unrecht. Und im Unrecht konnten und wollten sie nicht weiterleben. Das war, zum Beispiel, das Schicksal meines eigenen Schwiegervaters Josef Frankl, und deswegen trifft mich das Schicksal Stefan Zweigs auch persönlich, so wie das Schicksal seines Buches *Die Welt von Gestern* mich akademisch trifft.

Sperber, George B. – *Die Welt von Gestern*

Literaturverzeichnis

- DINES, Alberto. *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira 1981.
- ZWEIG, Stefan. *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt a. M., Fischer Verlag 1975 [= D].
- ZWEIG, Stefan. *El Mundo de Ayer. Autobiografía*. Trad. Alfredo CAHN. Buenos Aires, Editorial Claridad 1942 [= A].
- ZWEIG, Stefan. *El mundo de Ayer*. Barcelona, Editorial Juventud 1968 [= E].
- ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi. Minhas Memórias*. Trad. Odilon GALLOTTI. Rio de Janeiro, Editora Delta 1953 [= P].

Rose Ausländer: «Mátia Palavra»

Irene Avon*

Abstract: This essay aims to introduce the German-Jewish poet Rose Ausländer (1901-1988) to the literary public of Brasil, where she has not been translated and is therefore nearly unknown. Proceeding from the translation of 12 paradigmatic poems, the crucial periods of her life, poetry and poetics are outlined: As her famous college Paul Celan, she was born in Czernovitch this multicultural town of the Austrian-Hungarian monarchy. An important number of her poems are the result of the intimate relation with her country. The early death of her father and the resulting poverty led her to try to find a new home in New York, but she came back in the period of beginning National Socialism and suffered the persecution of Holocaust. After long years of travelling, she settled down in a Düsseldorf home for elderly Jewish people. The central themes in her poetry are: the loss of country, the Holocaust, and survival in a kind of spiritual country, that is: language and writing.

Keywords: Modern Jewish Poetry; Rose Ausländer; Exile.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz verfolgt das Ziel, die (hierzulande weitgehend unbekante, weil unübersetzte) deutsch-jüdische Dichterin Rose Ausländer (1901-1988) dem literaturinteressierten Publikum Brasiliens vorzustellen. Ausgehend von der Übersetzung von zwölf paradigmatischen Gedichten werden die entscheidenden Lebensstationen und Schaffensphasen der Dichterin, die wie Paul Celan im vielsprachigen Czernowitz der österreichisch-ungarischen Donaumonarchie aufwuchs, charakterisiert: Ihre tiefe Verbundenheit mit ihrer galizischen Heimat, ihr früher, vom Tod des Vaters und darauf folgender bitterer Armut erzwungener Versuch, in New York Fuß zu fassen; Rückkehr und Verfürgung in der NS-Zeit; ihre Reisejahre durch Europa auf der Suche nach neuen Wurzeln und schließlich – gezeichnet von Krankheit – ihre letzte Station im jüdischen Altenheim in Düsseldorf.

* A autora é Professora Doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

Als zentrale Themen ihres vielfältigen Werks, das in Deutschland in acht Bänden zur Verfügung steht, dürfen gelten: Heimatverlust und -erinnerung, der Holocaust, das Leben in einer geistigen Heimat, dem "Mutterland Sprache".

Schlagwörter: Moderne jüdische Poesie; Rose Ausländer; Exil.

Palavras-chave: Poesia judaica moderna; Rose Ausländer; exílio.

Von, I. – Rose Ausländer

A homenagem é justa e merecida. A homenagem é igualmente louvável, pois nos concede a oportunidade de conhecer uma poeta extraordinária. Para mim, com vida para apresentá-la, foi motivo de grande emoção traduzir e refletir sobre seus poemas e através deles confrontar-me mais uma vez com a questão do exílio e da *Shoá* e tentar, mais uma vez, compreender o que é incompreensível para a mente humana.

É quase irônico afirmar que poucos poetas contribuíram de forma tão intensiva para a poesia alemã contemporânea quanto ela, uma judia de Czernowitz, na Bucovina. Esta constatação em si poderia dar ensejo a um certo clima de desconforto entre a poeta e seu público alemão. Tal desconforto não é de difícil compreensão, uma vez que reflete a permanente tensão entre vítima e algoz desde os tempos sombrios da história alemã, europeia e humana deste século. Vários sintomas permitem constatar que a ferida provocada pelo sentimento de culpa alemão continua aberta: a polémica em torno da construção do monumento às vítimas do Holocausto em Berlim ou as afirmações recentes de Martin WALSER no sentido de se dar um basta à questão da culpa alemã. Nada leva a crer que WALSER possa ser considerado porta-voz da intelectualidade alemã. Sem dúvida, porém, é uma voz importante que deve expressar a opinião de parte da população que, como ele, passados mais de cinquenta anos do fim da guerra e do Holocausto, consideram necessário pôr uma pedra sobre a questão, sem nenhuma alusão irônica ao monumento citado há pouco.

Contudo, a iniciativa do *Instituto Goethe* de organizar e patrocinar uma exposição itinerante para divulgar a vida e a obra de Rose Ausländer desmente a fórmula simplista, uma vez que a poeta judia contribuiu com sua obra também para que a perseguição e o extermínio do povo judeu não ficassem escondidos sob o tapete do esquecimento.

Até o fim de sua produção poética, o tema do Holocausto é recorrente nos poemas de Rose Ausländer. Neles, sob a perspectiva das vítimas, ela descreve, elabora e fixa em linguagem lírica o destino dos judeus, sem nada minimizar ou ocultar, embora não se preocupe em detalhar o horror. Nem seria necessário. Rose Ausländer

transforma sua vivência pessoal em emocionante testemunho através de seus poemas que constituem uma espécie de biografia poética. Dessa mesma forma podem ser lidos os poemas escolhidos para esta apresentação. Como a voz do poeta é mais eloquente do que qualquer outra, Rose Ausländer tomará da palavra para dialogar com seu público aqui no Brasil:

<p>Bukovina I</p> <p><i>Tannenberge. Grüne Geister: In Dorna-Yatra würzen sie das Harzblut. Alle Sommermeister treten an ihre Dynastie</i></p> <p><i>Felder im Norden. Buchenschichten um Czernowitz. Viel Vogelschaum um die Verzuberten, die den Gesichten vertrauen, ihrem Trieb und Traum.</i></p> <p><i>Die Zeit im Januarschnee versunken. Der Atem raucht. Die Raben krähen. Aus Pelzen sprühen Augenfunken. Der Schlitten fliegt ins Sternverwehn.</i></p> <p><i>Der Rosenkranz in Weihnachtswegen Rinn durch die Finger. Segentum Und Gläubige. In Synagogen singen fünftausend Jahre Ruhm.</i></p>	<p>Bucovina I</p> <p>Pinheirais. Espíritos verdes: Em Dorna-Yatra temperam o sangue da resina. Velhos mestres estrivais unem-se à sua dinastia</p> <p>Campos ao norte. Camadas de faias em torno de Czernovitz. Espuma de pársaros em torno dos entediados, confiantes nas visões, no instinto e no so- nho.</p> <p>O tempo imerso na neve de janeiro. O ar fumeira. Os corvos gramam. Das peles flamejam olhos fasciantes. O trenó voa às estrelas dissipantes.</p> <p>O rosário em ondas de incenso desliza entre os dedos. Crengas e crentes. Em sinagogas cinco mil anos cantam glória.</p>
---	--

Diz a poeta: “Por que escrevo? Talvez porque tenha vindo ao mundo em Czernovitz, porque o mundo veio a mim em Czernovitz. Aquela paisagem singular. As pessoas singulares. Contos-de-fadas e mitos pairavam no ar, nós os respirávamos. A Czernovitz com suas quatro línguas era uma cidade das musas que abrigava muitos artistas, poetas, amantes das artes e da literatura. Foi a cidade de adoção do magnífico poeta ídiche Elieser Steinberg. Lá surgiu o mais significativo poeta lírico ídiche, Itzig Manger, além de duas gerações de poetas de língua alemã. O mais jovem deles, Paul Celan, o mais velho, Alfred Margul-Sperber.”¹

Czernovitz, capital da Bucovina, pertencia ao antigo Império Austro-húngaro. Data de fins do século XIV a primeira menção documentada da região como ‘Bucheland’, o país das fadas. A partir do começo do século XVI, a Bucovina permaneceu sob domínio turco por 250 anos. Em 1775, cai sob o domínio da monarquia dos Habsburgo. Durante a infância e juventude de Rose Ausländer, registrava-se lá uma população de cerca de 160.000 habitantes, composta de alemães, ucranianos, judeus, romenos, além de uma minoria de poloneses e magiáres. Uma cidade multilíngua, na qual se sobressaía a mistura de elementos germânicos com elementos eslavos, latinos e judaicos. Até 1924, embora a Bucovina tivesse sido cedida à Romênia após a Primeira Grande Guerra, as línguas oficiais eram o romeno e o alemão; depois disso, até o fim da Segunda Guerra, a língua oficial era o romeno, não obstante o alemão continuasse sendo largamente falado. O alemão não era apenas a língua de comunicação literária e cotidiana, foi e continuou sendo a língua materna da maioria da população. Na verdade, Czernovitz foi até 1944 antes de tudo uma cidade austríaca, depois disso pertenceu à República Soviética da Ucrânia até o fim da União Soviética.

As diferentes influências linguísticas naturalmente deixaram suas marcas no alemão ali falado, contribuindo para um enriquecimento do idioma e conferindo-lhe um colorido próprio. Mais do que um terço da população era de origem judaica e, evidentemente, esse fato determinou o cultivo disseminado de antigas tradições judaicas e a existência de uma expressiva intelectualidade, predominantemente de língua alemã. Além de constituir-se um centro industrial e comercial relevante, Czernovitz, com sua importante universidade, com seus grupos intelectuais num amplo sentido, com seus grupos políticos, cultivava uma atmosfera propícia para as artes em geral. Tal mundo profícuo sucumbiu e junto com a cidade, também seus notáveis cidadãos.

¹ Apud WITTE [s/rel]: 2.

Bukovina II	Bucovina II
<i>Landschaft die mich erfand</i>	Paisagem que me criou
<i>Wasserzinnig Waldhaarig die Heidelbeerthugel hohnigschwarz</i>	água em braços bosques em cachos as colinas de amoras negro mel
<i>Viersprachig verbrüderte Lieder in entzweiter Zeit</i>	Quatro línguas immanam Canções em tempos partidos
<i>Aufgelöst strömen die Jahre aus verflossene Ufer</i>	Diluídos fluem os anos para a margem dissipada

Afirma Rose num texto enviado para ser lido por ocasião da outorga do *Prêmio Literário da Academia Bávara de Belas Artes*, em 1984: “Quando escrevi meu primeiro poema, tinha 17 anos, vivia em Czernovitz; a primeira publicação de um poema deu-se em 1922, eu tinha 21 anos, em Minneapolis/St. Paul; tinha 38 anos e voltara à pátria quando veio a lume meu primeiro livro ‘O Arco-íris’. A primeira crítica ao meu livro apareceu em 1940 num jornal de Genebra: recebi meu primeiro prêmio literário aos 56 anos em Nova York – e meu último até agora aos 83, acamada na Casa Nelly Sachs, em Düsseldorf – não necessariamente o último, é fácil encontrar-me agora, não posso mais mudar meu domicílio enquanto viver. Entre os 17 e os 83 situam-se os marcos de minha vida de poeta, poemas, livros, leitores, críticas, prêmios. Quantos poemas? Cerca de 2.500, afirma o editor; livros, até agora, por volta de 30. Milhares de cartas de leitores amontoam-se, respondê-las não é mais possível, quase semanalmente a editora manda cópias de críticas e, como a memória falha – perdem uma mulher esquecida – não consigo mais contar os prêmios literários. E aquilo que a vida, os anos, os poemas, os livros, os leitores e a crítica não conseguiram, os prêmios literários o conseguem: eles me fazem sentir velha! Quando

a autora do prêmio foi anunciada pelos jornais, pedi que me lessem as críticas e as honrarias – fiquei sabendo que Rose Ausländer é a grande *weilja* senhora da lírica alemã. Ora, vivenciei muitas coisas, sofri outras tantas, também devo sobreviver a isto. [...] O prêmio conferido a mim chega tarde, mas não tarde demais – muito obrigada!”²

Rose, nascida Rosalie Beatrice ‘Ruth’ Scherzer participou ativamente dos grupos literários e filosóficos de Czernovitz. Curvou a universidade, lá também escreveu seus primeiros poemas. Em 1921, terminaram abruptamente os anos felizes e des preocupados da juventude, com a morte do pai. Nesse ano, premiada por dificuldades financeiras sofridas pela família, abandonou Czernovitz em companhia de um colega de estudos, Ignaz Ausländer, e emigrou para os Estados Unidos. Casaram-se em 1921, logo conseguiu a cidadania americana, imaginava fixar-se definitivamente lá. Após três anos, o casamento se desfez. Rose viajou para Berlim, onde residiu por algum tempo. Em 1928, retornou a Nova York, desta vez em companhia de Helios Hecht, escritor e editor de diversas revistas literárias. Hecht foi o grande amor de sua vida, após a separação e praticamente até o fim de sua vida, dedicou-lhe poemas de amor, segundo seus estudiosos. Dois poemas servem de exemplo para a lírica amorosa de Rose Ausländer:

Weil <i>du ein Mensch bist</i> <i>weil</i> <i>ein Mensch eine Muschel ist</i> <i>die manchmal tönt</i> <i>weil</i> <i>du in mir tönst</i> <i>als wär ich eine Muschel</i> <i>weil</i> <i>wir uns kennen</i> <i>ohne Namen und Samen</i> <i>weil</i> <i>das Wort Welle ist</i> <i>weil</i>	Porque é um homem porque um homem é uma concha que às vezes soa porque soas em mim como se eu concha fosse porque nos conhecemos sem nome e semente porque a palavra é onda porque <i>weil</i>
---	---

<i>du Wort und Welle bist</i> <i>weil</i> <i>wir strömen</i> <i>weil</i> <i>wir manchmal</i> <i>zusammenströmen</i> <i>Wort Welle Muschel Mensch</i>	é palavra e onda porque fluímos porque às vezes confluímos Palavra Onda Concha Homem
--	--

Ou ainda o poema “Amor V”, “Liebe V”:

<i>Wir werden uns wiederfinden</i> <i>im See</i> <i>du als Wässer</i> <i>ich als Lotusblume</i> <i>Du wirst mich tragen</i> <i>ich werde dich trinken</i> <i>Wir werden uns angehören</i> <i>vor allen Augen</i> <i>Sogar die Sterne</i> <i>werden sich wundern:</i> <i>hier haben sich Zwei</i> <i>zurückverwandelt</i> <i>in ihrem Traum</i> <i>der sie erwählte</i>	Nos reencontraremos no lago tu água eu lótus Me carregará Te beberei Nos pertencemos diante de todos os olhos Mesmo as estrelas se surpreenderão: aqui Dois materializaram-se no sonho que os elegu
---	--

No início de 1931, retorna a Czernovitz, acompanhada por Hecht. Algumas de suas poesias foram publicadas em jornais e revistas locais; em 1939, é publicado o volume de poemas *O Arco-íris*, o primeiro livro, pela editora Literária de Czernovitz. Desnecessário dizer que o livro praticamente passou despercebido nessa época, não obstante algumas críticas bastante favoráveis.

² Apud BRAUN, “Es bleibt noch viel zu sagen”. In: BRAUN (org.) 1991: 31–32.

Rose sobreviveu com as aulas de inglês que ministrava, mais tarde, até 1939, trabalhou em Bucareste como secretária bilingüe. Nesta época, amigos insistiram para que voltasse para os EUA, devido à crescente ameaça nazista. Sua cidadania já não era mais válida após a longa ausência; mesmo assim, em outubro de 1939, voltou a Nova York, porém, logo o agravamento do estado de saúde da mãe forçou-a a retornar. Em fins do mesmo ano estava novamente em Czernovitz.

Em 1941, os nazistas invadiram a cidade e, imediatamente, começou a perseguição e a matança dos judeus. Em outubro desse ano, o antigo bairro judeu foi transformado em gueto e 45.000 judeus lá ficaram confinados, entre eles, Rose, com a mãe e o irmão. Felizmente, escaparam à deportação para os campos de extermínio, realizaram trabalhos forçados, mais tarde, buscaram refúgio em porões e esconderijos. Nesta situação limitrofe, a poesia tornou-se para ela a tábua de salvação: “Nós, judeus condenados à morte, ansiávamos desesperadamente por conforto. E, enquanto esperávamos a morte, muitos de nós habitávamos em palavras-sonho – nosso lar de apátridas. [...]”³ Escrever, para Rose, significava, portanto, viver, sobreviver.

Rose Ausländer reuniu os poemas dessa época no ciclo “motivos do gueto”, a princípio, mantidos como manuscrito; mais tarde, reelaborados, foram publicados no volume *Verão Cego*. Retomou o contato com outros poetas no gueto, entre eles Paul CELAN: Liam seus poemas uns aos outros e os discutiam. Nesta época, CELAN escreveu a “Fuga da Morte”, em cuja gênese vários poetas, entre eles Rose, tiveram um papel importante. Relata Ausländer: “Um crítico afirmou com propriedade num dos números da revista *Alkazar* que a famosa metáfora do poema de Celan, ‘leite negro’⁴ é de minha autoria (de meu livro de poesias *O Arco-íris*). Minha experiência mais marcante, a única boa durante a perseguição nazista em Czernovitz, em 1942-43, foi o encontro com Paul Celan, cujos primeiros poemas me causaram profunda impressão. Não tenho consciência de que minha poesia tenha sofrido influência da sua, percorri outro caminho, quero dizer, do ponto de vista formal-estilístico: um caminho mais aberto, mais acessível. De fato, nossos temas são muitas vezes os mesmos, a

³ In: WHITE [s/rel]: 7.

⁴ O poema mencionado por Rose Ausländer foi escrito por volta de 1925. A metáfora do “leite negro” é um topos recorrente na literatura do leste europeu, como exemplo do substrato coletivo da poesia que alimenta as produções individuais: Os versos em que aparece são os seguintes: “Nur aus der Trauer Mutterinigkeit / strömt mir das Vollmaß des Erlebens ein. / Sie speist mich eine lange, trübe Zeit / mit schwarzer Milch und schwerem Wermutwein.” “Do afeto materno nascido do pesar / flui em mim a medida plena da vivência. / Ela me nutre por um longo e sombrio tempo/com leite negro e denso vermute.”

idéia central: a morte – com as reflexões pertinentes: guerra, medo, horror, alheamento, transitoriedade, nossa época desumana e embrutecedora. [...]”⁵ Os versos seguintes são, entre muitos, exemplos contundentes desse tema:

Damit kein Licht uns liebe	Para que nenhuma luz nos ame
<i>Sie kamen mit scharfen Fähen und Pistolen schossen alle Sterne und den Mond ab damit kein Licht uns bleibe damit kein Licht uns liebe</i>	Chegaram com bandeiras afiadas e pistolas fuzilaram as estrelas todas e a lua para que nenhuma luz nos restasse para que nenhuma luz nos amasse
<i>Da begruben wir die Sonne Es war eine unendliche Sonnenfinsternis</i>	Então enterramos o sol Foi um eclipse infinito
Verwundert	Assombro
<i>Wenn der Tisch nach Brot duftet Erdbereen der Wein Kristall denk an den Raum aus Rauch Rauch ohne Gestalt</i>	Quando a mesa recende a pão morangos o vinho cristal pensa no espaço de fumaça fumaça sem forma
<i>Noch nicht abgestreift das Cottokleid</i>	Ainda não despida a roupa do gueto
<i>sitzen wir um den duftenden Tisch verwundert daß wir hier sitzen</i>	sentamos à mesa de aromas assombro que estamos aqui

⁵ AUSLÄNDER, “Notizen zur Situation des alternden Schriftstellers”. In: BRAUN (org.) 1991: 66.

Em 1945, parte da Bucovina foi anexada à União Soviética. Muitos dos judeus sobreviventes abandonaram a região e transferiram-se para Bucareste, Romênia. Após um período de indecisão, Rose Ausländer faz o mesmo percurso, por fim, volta a Nova York. A saúde já abalada impedi-a de manter um emprego fixo, seja como tradutora, seja como secretária bilingüe. Seu estado físico e psicológico agravou-se com a notícia da morte da mãe, figura central de sua vida e instância responsável por um sentimento de segurança e aconchego, sempre associado para a poeta à idéia de pátria. A perda dessa identificação com a figura que a gerou acelerou o processo da perda da identidade. O reencontro do eu ocorreria bem mais tarde, não obstante a permanente sensação de não-pertencimento, de viver eternamente num “balanço de ar”, entre a Europa, América e a Europa, incapaz de fixar-se em lugar algum: “não moro, vivo”, conforme o poema “Nota biográfica”, mais adiante no texto. Ou como afirma em “Meu ar”, “Mein Atem”:

<i>In meinen Tiefbäumen weint die Erde Blut Sterne lächeln in meine Augen Kommen Menschen mit vielerben Fragen geht zu Sokrates antworte ich Die Vergangenheit hat mich gedichtet ich habe die Zukunft geort Mein Atem heißt Jetzt</i>	<i>Em meus sonhos profundos chora a terra sangue Estrelas sorriem em meus olhos Vem a mim crianças com perguntas multicores consultem Sócrates respondo O passado fez-me em versos o futuro eu herdei Meu ar se chama Agora</i>
--	---

Nestes anos, como consequência da identidade perdida, passou a escrever poemas em inglês, sob influência de poetas americanos como WILLIAMS e CUMINGS. Esta fase perdurará até 1957. Após viagens à Europa e encontros com poetas, principalmente, com Paul CELAN, reencontra sua verdadeira linguagem literária e a partir daí escreve apenas em alemão. Em 1961, a saúde precária, consequência do trauma dos anos de guerra e da perseguição nazista, a obriga a parar definitivamente de trabalhar e retorna à Europa em 1964. Perseguida por constante inquietação, advinda, por certo, da perda da pátria e da dificuldade de fixar raízes em qualquer lugar, troca constantemente de cidade, até que, por força de circunstâncias, acaba ficando em Düsseldorf.

Diz Rose: “Por que escrevo? Porque as palavras me ordenam; escreva-nos. Elas querem ser ligadas, aliadas. Palavra com palavra com palavra. Uma falange de palavras a meu favor, as outras contra. Inserir-se na superfície do papel é o que querem, é lá que a batalha deverá ser decidida. Comporto-me de maneira cética, caso a diadema das palavras não queira submeter-se a mim, lango-as ao vento. São mais fortes do que ele, retornam a mim, sacodem e torturam-me até que eu ceda. Pronto, agora deixem-me em paz. Porém, as palavras não são figuras aleatórias com as quais se pode agir aleatoriamente. Eu não as compreendi, afirmam, queriam dizer outra coisa. Não foram colocadas no lugar certo, murmuram. Falsas inocentes que se posicionam pacatas e imóveis sobre a branca superfície. Isso é uma ilusão. Duras são elas, mesmo as mais delicadas. Trocamos olhares. Trocamos juras de amor. Minhas árvores, minhas estrelas, meus irmãos: neste estilo converso com elas. Elas transformam o estilo, atacam-me, forçam-me a empurrá-las para cá e para lá, até que acreditem ter ocupado o lugar a que fazem jus.”⁶ E prossegue: “Por que escrevo? Porque eu, à procura de minha identidade, falo consigo de forma mais clara sobre a folha em branco.”⁷

A vivência dos crimes cometidos em nome da Alemanha bloqueou, conforme dito, um refúgio inquestionável na língua materna, que se tornara a língua dos assasinos. A morte da mãe desencadeou, por assim dizer, a ruptura do cordão umbilical que unia a poeta à mãe e, por associação, à língua materna. O reencontro desta restabelece igualmente o reencontro com as origens, intimamente ligadas ao conceito de mãe. O alemão veio à tona novamente, porém, aquilo que deveria ser dito requeria uma rearticulação. Os poemas em língua alemã, escritos a partir de 1956, 1957, diferenciam-se fundamentalmente dos anteriores à fase inglesa. O reencontro com a linguagem cotidiana mostrou a Rose Ausländer um caminho que se aproximava das

⁶ Apud ZEILER, Eva, “Laudatio zur Verleihung des Ida-Dehmel-Preises”. In: BRAUN (org.) 1991: 80.

⁷ Apud WITTE [s/ref]: 11.

tendências da lírica alemã pós-45. Por outro lado, ela mesma atribuiu esta nova sim-
plicidade de seus versos às experiências da guerra e ao contato com a sociedade ame-
ricana do pós-guerra: “Aquilo [...] que desabou sobre nós não admira rimas, era um
pesadelo tão opressivo que – apenas posteriormente, após o choque sentido na pele – a
rima se desfez, as palavras-flores murcharam”, afirma Rose.

O retorno à língua alemã e tudo que está contido nesse processo foi, obviamen-
te, complexo. Aí, evidentemente, insere-se a reconquista da identidade, entenda-se
tanto a identidade pessoal quanto a poética, roubadas pelo regime nazista. As ima-
gens poéticas da antiga pátria, determinantes de sua identidade permanecerem intactas:
é a elas que deve sua identidade poética, conforme diz no poema “Bucovina II”:
“Paisagem que me criou”. No entanto, a poeta viu-se forçada a encontrar uma nova
linguagem capaz de resgatar sua identidade poética e pessoal.

Nesse sentido, o poema “Nota biográfica” pode ser lido como uma espécie de
reflexão poeológica, uma vez que estabelece uma nova linguagem poética exigida
após a perda da pátria e da identidade:

Biographische Notiz	
Ich rede	Falo
von der brennenden Nacht	da noite de fogo
die gelöscht hat	que o Pruth
der Pruth	debelou
von Trauerweiden	de chorões
Blutbuchen	faias de sangue
verstumtem Nachtigallsang	canto mudo do rouxinol
vom gelben Stern	da estrela amarela
auf dem wir	sobre a qual
stündlich starben	morríamos hora a hora
in der Galgenzeit	no tempo do algoz

nicht über Rosen	não de rosas
red ich	falo
Fliegend	Voando
auf einer Luftschaukel	num balanço de ar
Europa Amerika Europa	Europa América Europa
ich wohne nicht	não moro
ich lebe	vivo

A destruição do mundo idílico evidencia-se pelos “chorões” e pelas “faias de
sangue”, numa referência à designação alemã da região como “Buchenland”, o país
das faias, agora, porém, cobertas de sangue. O poeta-rouxinol, emudecido pelo hor-
ror, procura uma nova forma de expressão, impossível através da lírica tradicional.
Assim sendo, o poema “Nota biográfica” institui um novo estilo: o discurso lacônico,
econômico, lapidar e, contudo, carregado de significado. A menção às rosas remete a
uma gama enorme de conotações poéticas. Aqui, no entanto, aparece precedido de
um “não”, reafirmando a dificuldade de aceitar simplesmente um topos da lírica
tradicional e a necessidade da procura de uma nova linguagem poética, mais condi-
zente com a realidade pós-Auschwitz. Ao mesmo tempo, a rosa é uma referência
inequívoca ao seu nome e, igualmente, a negação indica que não se trata de fixar aqui
uma vivência pessoal e sim de referir-se a algo supra-individual. Esta constatação cria
uma aparente ambiguidade em relação ao título do poema: na verdade, porém, trata-
se de uma “nota biográfica” de todo um povo que perdeu seu referencial. Se, no início
do poema, há a citação de dados concretos, “chorões”, “faias”, no final, mencionam-
se apenas os continentes como que invólucros vazios com os quais o eu-lírico não tem
nenhuma relação. Trata-se apenas da menção de lugares que enfatizam sua condição
errante de apátrida. O exílio não oferece um novo lar, uma pátria substituta: “não
moro, vivo”, é o que lhe resta afirmar.

Embora sempre aberta a novas experiências, o trauma da pátria perdida e, por
consequência, da identidade perdida, nunca foi superado. Assim como nunca foram
esquecidas as lembranças dolorosas dos anos sombrios, conforme afirma no poema
“Contudo rosas”, “Dennoch Rosen”:

Nein <i>ich vergesse nicht die eingetragenen Jahre ich vergesse nicht daß Stiefel den Regenbogen zertreten daß sie sich rüsteten uns zu verwandeln in Feuerrosen Feuerfalter Feuerschwingen</i>	Não não esqueço os anos gravados a fogo não esqueço que botas pisotearam o arco-íris que eles se armaram para nos transformar em Rosas de fogo Borboletas de fogo Asas de fogo
---	--

A poeta torna-se uma espécie de arquiteta das palavras, construindo para si mesma um mundo interior e preservando uma essência intocável num “lar-palavra”, “Wortheimat”. O “lar-palavra” torna-se o único lugar confiável onde pode se reco-lher: Os algozes nazistas não só destruíram os judeus, destruíram também uma cul-tura secular. Contudo, não conseguiram destruir-lhes a língua, transformada então em pátria que os nômades da época totalitária preservavam como um bem permanen-te e carregavam consigo onde quer que estivessem. A língua permanece, ferida, conspurcada, mas viva. O reencontro da língua materna de seus anos de infância e juventude restabelece para Rose o reencontro das origens, simbolizadas pelo conceito de mãe. Advém dessa reflexão a concepção do conceito “mãtria palavra”.

Mutterland <i>Mein Vaterland ist tot sie haben es begraben im Feuer Ich lebe in meinem Mutterland Wort</i>	Mãtria Minha pátria está morta enterraram-na no fogo Vivo em minha mãtria Palavra
--	--

O poema que serve de tema para esta exposição exemplifica de maneira clara e inequívoca esta problemática central na obra de Rose Ausländer: Os primeiros versos fazem uma referência óbvia ao nazismo. O que resta é a língua. A concepção da “mãtria palavra” constitui-se na herança terrena ligada ao eu-lírico, tanto pela mãe biológica quanto da mãe em sentido figurado, naquela associação já menciona-da. A língua materna torna-se um sucedâneo para a mãe/pátria perdida. Perdida a pátria para o eu-indivíduo, o eu-lírico procura refúgio na língua, entendida agora não como pátria, mas como “mãtria”, uma vez que a pátria propriamente dita foi-lhe roubada, perdida para sempre. A língua materna adquire então um novo signi-ficado, o de “mãtria palavra”, seu mundo poético, seu único mundo. Não mais está o conceito de língua aliado a uma identidade nacional, e sim apenas associado à palavra ou às palavras que a constituem. Trata-se agora de um território próprio em cujos limites pode expressar-se, transformar-se e, até mesmo e finalmente, morrer, ou seja, encontrar-se a si mesma. O encontro desse refúgio poético resgata a inte-gridade do eu, entendida sob vários ângulos: integridade física, psicológica, poéti-ca, geográfica.

Rose Ausländer nunca se pronunciou especificamente a respeito da afirmação polêmica de ADORNO acerca da impossibilidade de se escrever poesia depois de Auschwitz. No entanto, a concepção de “mãtria palavra” poderia constituir-se numa espécie de resposta de Rose Ausländer para a questão. A memória, embora intacta, não poderia mais ser resgatada, pois a língua, maculada pela barbárie, vê-se condena-da ao silêncio, única reação diante das atrocidades cometidas. No entanto, é preciso evitar que a barbárie seja esquecida, é imprescindível prestar testemunho em nome de si mesma e em homenagem às vítimas. No novo refúgio poético, torna-se possível para ela fazer isso. Aí consegue preservar-se e preservar a poesia, aí não há limites, a liberdade é total, conforme afirma: “Sonho: isso significa espaço sem limites. E ape-nas quando os limites se dissipam é que a arte tem início”. A “mãtria palavra” deixa entrever que para Rose Ausländer, num misto de fé e esperança, a poesia segue sendo possível e que, portanto, apesar de tudo, o “canto do rouxinol”, conforme afirma no poema “Nota biográfica”, não emudeceu, ou como afirma no poema “Espaço II”, “Raum II”:

9 Apud BRAUN, “Es bleibt noch viel zu sagen”. In: BRAUN (ORG.) 1991, 20.

<i>Noch ist Raum für ein Gedicht</i>	<i>Ainda há espaço para um poema</i>
<i>Noch ist das Gedicht ein Raum</i>	<i>Ainda o poema é um espaço</i>
<i>wo man atmen kann</i>	<i>onde se pode respirar</i>

Em 1972, uma fratura complicada motivou uma longa estada num hospital em Düsseldorf. Transferida para a Casa Nelly Sachs, um asilo de velhos judeus, ali permaneceu, a princípio para restabelecer-se, mais tarde, com o estado de saúde mais abalado, até o fim da vida, 1988. Durante dez anos não mais abandonou o leito, onde continuou a escrever praticamente até a morte.

Reconhecer em Rose Ausländer apenas a poeta da *Shoá* seria reduzir sua importância. Antes de tudo, trata-se, sem dúvida, de uma poeta de primeira grandeza que legou à literatura alemã uma obra de magnitude e significado inquestionáveis. A par de prestar um testemunho comovente e solene dos sofrimentos do povo judeu, seus poemas refletem igualmente sua inabalável esperança no ser humano e na palavra poética, como se lê em “Profissão de fé”, um fecho digno da própria poeta para esta apresentação que leva o seu nome:

Bekennnis	
<i>Ich bekenne mich zur Erde und ihren gefährlichen Geheimnissen</i>	<i>Professo minha fé à terra e seus perigosos segredos</i>
<i>zu Regen Schnee Baum und Berg</i>	<i>à chuva neve árvore e montanha</i>

<i>zur mütterlichen mörderischen Sonne zum Wasser und seiner Flucht</i>	<i>ao sol materno mortífero à água e sua fuga</i>
<i>zu Milch und Brot</i>	<i>ao leite e pão</i>
<i>zur Poesie</i>	<i>à poesia</i>
<i>die das Märchen vom Menschen spinnt</i>	<i>que tece a lenda do homem</i>
<i>zum Menschen</i>	<i>ao homem</i>
<i>bekenne ich mich mit allen Worten die mich erschaffen</i>	<i>professo minha fé com as palavras todas que me criaram</i>

Referências bibliográficas

- BRAUN, Helmut (org.). *Rose Ausländer – Materialien zu Leben und Werk*. Fischer, Frankfurt 1991.
- BRAUN, Helmut / ZIMMER-WINKEL, Rainer (org.). “*Mutterland Wort*”: *Rose Ausländer 1901-1988*. Rose-Ausländer-Gesellschaft e.V., Düsseldorf 1996.
- WALLMANN, Jürgen P. “Rose Ausländer”, in: PUKKUS, Heinz (org.) *Neue Literatur der Frauen*. Beck, München 1980, 25-28.
- WITTE, Bernd. “Rose Ausländer”, s/ref., 1-13.